

Estados Unidos no Século XIX

O século XIX foi importante para a história dos Estados Unidos, pois foi o momento de sua expansão territorial e de seu desenvolvimento econômico e bélico, o que fez com que se transformassem em um dos maiores países do mundo. No início daquele século, já era propagada a doutrina do **Destino Manifesto**, segundo o qual os Estados Unidos haviam recebido de Deus a missão de levar o desenvolvimento a toda a América, favorecendo, assim, a postura imperialista do país.

Data do século XIX também a Segunda Guerra de Independência dos Estados Unidos (1812-1815). Naquele contexto, a Inglaterra, envolvida nas guerras napoleônicas, passou a apreender navios e a utilizar suas tripulações nos navios de guerra ingleses. Como existiam embarcações estadunidenses entre as apreendidas pelos ingleses, houve um embate diplomático entre as duas nações, o que acabou culminando em um conflito entre a Inglaterra e a sua ex-colônia. Uma vez que os Estados Unidos não estavam envolvidos em outros conflitos, estes venceram a guerra, consolidando de uma vez por todas a independência das Treze Colônias.

Após a queda de Napoleão em 1815, os países europeus procuraram retomar o domínio sobre as ex-colônias já emancipadas ou em luta pela emancipação. Diante da possibilidade de intervenção europeia na América, o então presidente, James Monroe, fez um discurso alegando que qualquer tentativa de recolonização seria considerada um ataque aos Estados Unidos, dando origem à **Doutrina Monroe**, cuja tese fundamental baseava-se no lema "a América para os americanos". É importante ressaltar que, ao utilizarem essa frase, os estadunidenses defendiam não só o interesse dos colonos americanos que buscavam sua soberania, mas também os seus próprios interesses, no intuito de exercer um domínio hegemônico sobre o continente americano.

EXPANSÃO TERRITORIAL

A expansão territorial dos Estados Unidos relaciona-se com sua expansão imperialista e com o Destino Manifesto. Inicialmente, o país se restringia ao território das antigas Treze Colônias, e, por isso, a conquista do Oeste significaria expansão de mercado e aquisição de novas terras para o cultivo de monoculturas de exportação ou agricultura para o mercado interno.

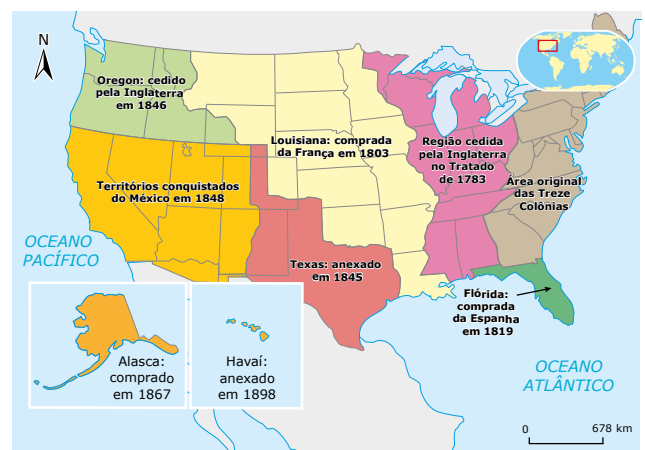
Dando início ao projeto expansionista, os estadunidenses, em 1803, compraram do imperador francês Napoleão Bonaparte, que estava em guerra contra a Inglaterra, o território de Louisiana, por 15 milhões de dólares. Em 1819, foi a vez da compra da Flórida, que pertencia à Espanha, favorecendo, assim, o acesso às Antilhas.

O número enorme de colonos no México levou à Independência do Texas em 1836. Em 1845, para impedir a influência da Inglaterra e da França, os Estados Unidos, com a anuência da própria população local, anexaram o Texas.

As aspirações expansionistas se voltaram, então, para o México, onde o Texas – pertencente ao território mexicano, mas ocupado por um grande número de estadunidenses – declarou-se independente. Os EUA, interessados em obter acesso ao Pacífico, anexaram a região iniciando a Guerra do México. Ao fim do conflito, com a vitória dos EUA, foi assinado o Tratado de Guadalupe-Hidalgo, pelo qual o México reconheceu a perda do Texas, Novo México, Arizona, Colorado e Alta Califórnia, totalizando cerca de 2 milhões de quilômetros quadrados, nos quais, posteriormente, foram descobertas jazidas de ouro.

Em 1867, os Estados Unidos compraram o Alasca da Rússia, ampliando, assim, a sua produção de petróleo, uma vez que o estado é um grande produtor petrolífero.

Formação territorial dos EUA



A partir da segunda metade do século XIX, vários homens partiram para o Oeste, porção pouco habitada e vista como uma terra sem leis. As regiões mais procuradas eram Califórnia, Colorado e Nevada, que, juntas, tinham uma população que não ultrapassava 400 000 pessoas. Além de apresentar a possibilidade de extração aurífera – o que proporcionou a corrida do ouro e, logo, a obtenção de uma renda *per capita* elevada –, essa região favorecia a caça de animais, como o castor e o bisão, o cultivo da cana-de-açúcar e de algodão, a pecuária e o comércio.

A expansão para o Oeste significou conflitos com os nativos que, com base no Destino Manifesto, eram considerados inferiores aos estadunidenses. Nesse sentido, a Marcha para o Oeste significou a expulsão dos indígenas de suas terras, por meio da demarcação de pequenos territórios, e a morte de milhares de indígenas que habitavam a região.

Mesmo após a grande expansão territorial garantida pelos Estados Unidos durante o século XIX, estes continuaram expandindo suas fronteiras, exercendo um forte imperialismo, principalmente na América do Norte e na América Central. Apesar de o México ter sido o mais prejudicado territorialmente, devido à sua proximidade com os Estados Unidos, outras nações, como Cuba e Porto Rico, sofreram intervenções militares por parte dos estadunidenses, que, principalmente no final do século XIX, adotaram essa tática militar para viabilizar seus interesses econômicos. Essa política de intervenção, que afetou toda a América e favoreceu o imperialismo estadunidense, ficou conhecida como **Big Stick** ("grande porrete", em português).



2UUG

A conquista do Oeste

A expansão para o Oeste pelos Estados Unidos reconfigurou completamente o que naquele momento eram apenas ex-colônias inglesas. Assista à videoaula para acompanhar esse processo.

GUERRA CIVIL AMERICANA (1861-1865)

A Guerra Civil americana, também conhecida como Guerra de Secessão, foi um dos eventos mais importantes da história dos Estados Unidos, pois, apesar de ter deixado um saldo de mais de seiscentos mil mortos e de ter destruído grande parte da produção de algodão do sul, o conflito contribuiu para o avanço das forças produtivas capitalistas no país. Para compreender melhor o conflito deflagrado no século XIX, entretanto, é necessário remontar o contexto do século XVIII, quando as divergências internas entre os estadunidenses estavam latentes. Mesmo com a vitória dos colonos nas lutas pela emancipação em 1776, a realidade do país ainda era muito heterogênea. O norte, mais voltado às atividades industriais, e o sul, majoritariamente agrário, divergiam em várias questões, criando um ambiente propício à eclosão de uma guerra civil.

Algumas questões foram fundamentais para o início da Guerra de Secessão. A primeira delas foi a **questão alfandegária**: o norte advogava a favor do protecionismo estrangeiro com o objetivo de evitar a concorrência estrangeira aos seus produtos industrializados. Já o sul estava a favor da diminuição das barreiras alfandegárias, pois era consumidor e queria estimular a concorrência, diminuindo os preços finais dos produtos industrializados. Diante do impasse gerado, o governo estadunidense buscou amenizar a situação por meio da adoção de tarifas alfandegárias moderadas, e estas seriam aumentadas gradativamente a cada ano. Mesmo com a intervenção do governo, a situação continuou não sendo favorável nem ao norte nem ao sul, o que fomentou ainda mais a animosidade entre esses dois lados.

O segundo impasse interno entre os estadunidenses girava em torno da **questão escravista**: o norte visava à expansão do mercado consumidor interno para os seus produtos, por isso, defendia a abolição da escravidão e, logo, a adoção do trabalho assalariado.

Posto que nos estados do sul a economia era agroexportadora e a mão de obra predominante formada por escravos negros, os sulistas eram contrários à abolição, o que caracterizou mais um conflito de interesses.

Como as leis eram criadas pelo Congresso dos Estados Unidos, formado por representantes do norte e do sul, surgiu um novo problema: a **questão da expansão para o Oeste**. À medida que as terras do Oeste eram incorporadas aos Estados Unidos e ocupadas, elas se tornavam estados. Havia, então, a preocupação, por parte do norte e do sul, se esses novos estados seriam abolicionistas ou escravistas. A fim de manter o equilíbrio, um dos mecanismos adotados foi o Acordo do Missouri (1820), determinando que todo estado surgido acima do paralelo de 36° 30' deveria ser abolicionista, e os estados surgidos abaixo desse paralelo deveriam ser escravistas. Como esse paralelo corta o território dos Estados Unidos quase ao meio, pretendia-se, com isso, manter a harmonia entre abolicionistas e escravistas no Congresso.

Apesar dessa tentativa, em 1849, a Califórnia, estado abaixo do paralelo, pediu a sua entrada na União como estado abolicionista, e o pedido foi aprovado pelo Congresso. Em 1850, o debate sobre a adoção ou não do trabalho escravo no Novo México mostrou a fragilidade do Acordo do Missouri. Diante dos precedentes abertos, portanto, o governo instituiu o Compromisso de 1850, que facultava aos novos estados a decisão sobre a questão da escravidão e, ao mesmo tempo, criava um clima ainda mais favorável à guerra civil.

EUA às vésperas da Guerra Civil



As decisões tomadas pelo governo estadunidense, na segunda metade do século XIX, revelavam que os estados sulistas estavam com menos influência política do que os estados nortistas. A diferença se expressiu nas eleições presidenciais de 1860, com a vitória de Abraham Lincoln, candidato republicano que havia feito uma campanha aberta em favor do protecionismo e do abolicionismo. Percebendo que a derrota do sul poderia significar o fim da escravidão, a Carolina do Sul, seguida por mais dez estados, declarou-se em secessão, formando os Estados Confederados com a capital em Richmond e tendo por presidente Jefferson Davis.

Diante da separação dos sulistas, Lincoln, o presidente de fato, argumentou a favor da **questão da União**, o que talvez tenha sido o principal elemento responsável pela guerra. Lincoln dizia que a manutenção da União era mais fundamental que a abolição e, de acordo com ele, se fosse necessário manter a escravidão para manter a União, ele assim o faria. Por isso, em 1861, não aceitando a separação do sul, o norte se empenhou para reincorporar os estados sulistas ao país e, assim, iniciou-se o mais violento conflito da história dos Estados Unidos da América.

Perante a investida nortista, o sul levava vantagem, pois sua população estava acostumada a atirar, caçar e montar. Além disso, estava defendendo o seu próprio território, que conhecia bem. Por outro lado, o norte tinha maior contingente populacional, algo em torno de onze milhões de pessoas a mais, lembrando que um percentual enorme do sul era composto de escravos. O norte possuía também uma boa rede de transportes, favorecendo a movimentação de tropas e armas e sua autossuficiência industrial. Tais recursos, portanto, faziam com que o sul se tornasse dependente dos produtos industrializados do norte e da Europa. Dessa forma, durante a guerra, uma das saídas adotadas pelos nortistas foi a realização de um bloqueio marítimo, o que impedia os Confederados de venderem sua produção agrícola e comprarem armas dos europeus.

Durante os conflitos, Lincoln, atuando como presidente dos Estados Unidos, além de bloquear as vias de acesso aos estados do sul, tomou duas medidas fundamentais para a vitória dos nortistas. A primeira foi o *Homestead Act* (1862), que previa a doação de terras no Oeste para quem fosse viver na região por 5 anos sem utilizar mão de obra escrava. Com isso, houve um significativo esvaziamento da guerra e um aumento da expansão rumo ao Oeste.



Abraham Lincoln, presidente eleito em 1860.

A segunda foi a Abolição da Escravidão (1863), que permitiu a participação dos negros no Exército, além de provocar a fuga de milhares de negros do sul para o norte, aumentando mais ainda o contingente militar da União. Apesar da conquista por parte dos escravos, é importante ressaltar que os negros tiveram de servir por mais tempo, usar armas inferiores e ganhar menos que os soldados brancos. Assim, ao final da guerra, o número de soldados negros mortos foi três vezes maior do que o de soldados brancos.

Após os quatro anos de duração da Guerra Civil, em 1865, foi determinado o fim dos combates e a reincorporação dos estados do sul aos Estados Unidos. Além de garantir a recomposição dos estadunidenses, os conflitos renderam também a morte de Abraham Lincoln, que, cinco dias antes do final da guerra, foi assassinado por John Booth, um ator sulista.

ESTADOS UNIDOS APÓS A GUERRA



A Guerra Civil americana matou mais estadunidenses do que as duas Grandes Guerras e a Guerra do Vietnã juntas – no total, foram mais de 600 000 pessoas. Se, por um lado, a guerra gerou grande perda humana e material, ao final dos conflitos, dada a vitória do norte, a política protecionista e industrializante foi colocada em prática em todo o território dos Estados Unidos. Desde então, foi registrado um grande desenvolvimento industrial e populacional, o incentivo à instalação de imigrantes, a ampliação da malha ferroviária e a mecanização da agricultura, fatores fundamentais para o fortalecimento do capitalismo no país.

No campo social, houve a aprovação da 13ª Emenda, que ratificava a abolição da escravidão, e da 14ª Emenda, que concedia alguns direitos civis aos negros. Porém, na prática, a situação dos negros era difícil, pois existiam leis discriminatórias em alguns estados, chegando a proibir o casamento de negros com brancos. Surgiram grupos como a Ku Klux Klan, os Cavaleiros da Camélia Branca e os Cavaleiros do Sol Nascente. Esses grupos, formados por brancos radicais, perseguiram os negros e seus aliados, promovendo linchamentos em grande parte dos estados do país.



Membros da Ku Klux Klan durante uma cerimônia.

A mais importante consequência da Guerra de Secessão, no entanto, talvez tenha sido a expansão da influência estadunidense para além de seu território. Os Estados Unidos, após o conflito interno, passaram a se dedicar a uma expansão ideológica, cultural, política e econômica que ultrapassava os seus limites territoriais. Tal postura seria fundamental para as pretensões do país, que, durante o século XX, foi hegemônico no continente americano.

Texto I

Guerra Civil americana

A Guerra Civil norte-americana (1861-1865) merece a atenção do estudante brasileiro por diversos motivos. Primeiro, foi uma guerra que marcou profundamente a evolução histórica dos Estados Unidos da América (EUA). Até essa guerra, todos os conflitos políticos mais importantes entre as grandes regiões norte-americanas, do norte e do sul, tinham sido resolvidos, adiados ou escamoteados entre as linhas da Constituição de 1787, e através de processos pacíficos de barganha, conchavo, negociação e voto. A guerra representou uma confissão de que o sistema político falhou, esgotou os seus recursos sem encontrar uma solução. Foi uma prova de que, mesmo numa das democracias mais antigas, houve uma época em que somente a guerra podia superar os antagonismos políticos.

O total dos mortos ajuda a apreciar a magnitude desse evento traumático para os EUA. Calcula-se que um total de 618 000 americanos combatentes morreram nos dois lados, um total que excede o de todos os mortos americanos na Primeira Guerra Mundial (1914-1918, com 125 000 mortos americanos); na Segunda Guerra Mundial (1939-1945, com 322 000 mortos americanos), na Guerra da Coreia (1950-1953, com 55 000 mortos americanos) e na Guerra do Vietnã (1961-1975, com 57 000 mortos americanos).

Em segundo lugar, essa guerra lembra vários aspectos da história do Brasil, quando questões semelhantes surgiram. Para começar, a guerra foi uma reação a um movimento separatista. O sul declarou a sua independência do norte e estabeleceu uma nova nação, os Estados Confederados da América (ECA). O norte teve de invadir o sul e lutar por quatro anos até destruir esse separatismo. Da mesma forma, o governo imperial brasileiro teve de reprimir com armas a Confederação do Equador no Nordeste, em 1824, a República de Piratini e a República Catarinense, criadas pela Revolução dos Farrroupilhas no Rio Grande do Sul, em 1835-1845.

A abolição da escravidão foi outra questão que convulsionou a vida política dos EUA e do Brasil, no século XIX. No sul dos EUA, a escravidão foi tão importante quanto nas regiões brasileiras de grande lavoura. Em ambos os países, os setores escravistas passaram a maior parte do século à procura de maneiras de preservar essa relação de trabalho contra as restrições gradativamente colocadas por grupos fora desses setores. Mas nos EUA a abolição final foi imposta a ferro e fogo pela vitória do norte no fim da guerra civil, enquanto no Brasil a abolição resultou de uma combinação de longas campanhas de mobilização popular, das revoltas dos próprios escravos e do oportunismo dos escravocratas, que, antes da abolição, já acharam substitutos para os seus escravos, ou entre os trabalhadores nacionais, ou entre os imigrantes estrangeiros.

Finalmente, muitos historiadores norte-americanos entendem a guerra civil como um conflito entre duas sociedades diferentes: a do norte, baseada nas manufaturas e caminhando rapidamente para a industrialização, e a do sul, baseada na economia agrária de exportação e procurando expandir a área dessas lavouras. Embora em escala bem menor, e em data bem posterior, o Brasil também experimentou momentos de atrito entre o setor nascente das manufaturas e o setor agrário, como nos debates sobre o nível de tarifas aduaneiras na Primeira República. É notável, entretanto, que a historiografia brasileira moderna em geral reconheça uma certa complementaridade dos interesses dos industriais e dos grandes agricultores, ao contrário da situação nos EUA no século passado.

Os paralelos entre a história dos EUA e a do Brasil, nessas questões de separatismo, abolição e competição entre a indústria e a agricultura, convidam a uma reflexão bem maior sobre a razão pela qual, no Brasil, tais questões encontraram um encaminhamento e uma solução às vezes bastante diferente dos encontrados pelos EUA, e o que isso teria a ver com as diferenças atuais entre as políticas, as economias e as sociedades dos dois países. Ao longo dessa história, que aliás não pretende fornecer mais do que uma introdução ao estudo da guerra, procuraremos levantar diversos pontos de comparação específica entre os EUA e o Brasil, no século XIX. Caberia ao leitor, entretanto, partir dessas informações para desenvolver as suas próprias explicações das diferenças.

EISENBERG, Peter Louis. *Guerra civil americana*. São Paulo: Brasiliense, 1982. [Fragmento]

Texto II

A guerra dos ricos... travada pelos pobres

A Guerra de Secessão, iniciada com um ataque confederado ao Forte – I Sumter, em abril de 1861, foi considerada como a primeira das grandes guerras modernas. "Durante quatro longos anos a luta continuou, com enormes perdas de vidas de ambos os lados (620 000 mortos). Primeiro, ambos os lados recrutaram voluntários; depois, os homens eram convocados para o Exército. Isso causou profundo ressentimento, tanto no norte como no sul. Tanto em um como em outro lado era permitido pagar substitutos para prestar o serviço militar. No sul havia muitas brechas nas leis de convocação, através das quais escapavam os proprietários de grandes plantações, ou os que possuíam mais de 15 escravos (isto quando a guerra tinha sido provocada por eles mesmos). No norte, um indivíduo convocado podia ser isento da convocação se pagasse ao governo 300 dólares. Não se admira que muitas pessoas pobres se referissem à guerra como 'a guerra dos ricos na qual lutam os pobres'."

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza dos E.U.A.* (Nós, o povo). São Paulo: Brasiliense, 1978. [Fragmento]

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (UFJF-MG) Sobre a história dos Estados Unidos, no contexto da Guerra de Secessão, aponte a afirmativa correta.
- A) A emergente burguesia industrial propunha a criação de uma civilização com bases mais aristocráticas, em que a elite tivesse um comportamento semelhante ao da nobreza inglesa.
- B) Os estados do norte eram contra o protecionismo alfandegário, porque queriam importar livremente produtos manufaturados.
- C) Mesmo com a vitória dos Estados Confederados, não houve uma reconciliação entre as elites do sul e as do norte.
- D) Após a Guerra de Secessão, foi abolida a escravidão e houve uma significativa melhora nas condições de vida dos negros, que foram beneficiados por vários programas do governo.
- E) No sul dos EUA, concentrava-se a elite agrária escravista, que se opunha aos estados do norte, onde se concentrava a elite industrial.

- 02.** (Mackenzie-SP) Dentre as razões que determinaram a elaboração do dispositivo separatista da Carolina do Sul, que deu origem à Guerra Civil Americana, destacamos
- A) as leis intoleráveis e a Independência dos Estados Unidos da América.
- B) a adoção de tarifas protecionistas e a eleição de Abraham Lincoln.
- C) a ocupação das terras do Oeste e a Guerra dos Sete Anos.
- D) os interesses dos Estados industriais do sul, contrários aos latifundiários do norte.
- E) a eleição do abolicionista Jefferson Davis, o fim da escravidão e a Guerra Civil.

- 03.** (UFRGS-RS-2018) Após o fim da Guerra Civil norte-americana (1861-1865), antigos soldados confederados e proprietários rurais sulistas organizaram a Ku Klux Klan, grupo que teria influência duradoura na história política norte-americana.

Assinale a alternativa que indica características ideológicas e práticas dessa organização.

- A) Defesa da supremacia branca e da segregação racial nos Estados Unidos.
- B) Tentativa de construção de um governo socialista no Sul norte-americano.
- C) Adoção de uma plataforma de integração racial em todo o país.
- D) Rejeição ao Cristianismo como a principal religião dos Estados Unidos.
- E) Implementação de um governo independente nos estados do Norte estadunidense.
- 04.** (PUC Minas) A Guerra Civil norte-americana, também chamada de Secessão, por se tratar do conflito entre o sul e o norte dos EUA, trouxe desdobramentos políticos ideológicos graves para a formação da identidade nacional do país.

Assinale o fato que mais aprofundou a radicalização dos conflitos étnicos em território americano ao longo do século XX.

- A) A criação da Ku Klux Klan em território sulista ao final da guerra.
- B) A formação dos Estados Confederados liderados por Abraham Lincoln.
- C) O estabelecimento da Doutrina Monroe, que garantia as liberdades civis a todas as raças nos EUA.
- D) As leis a favor do *Apartheid*, promulgadas após o desfecho do conflito.

- 05.** (Fatec-SP) No caso da história americana, um dos eventos mais retratados pela memória social é, sem dúvida, a chamada Marcha para o Oeste. Mesmo antes do surgimento do cinema, esses temas já faziam parte das imagens da história americana. A fronteira foi um tema constante dos pintores do século XIX. A imagem das caravanas de colonos e peregrinos, da Corrida do Ouro, dos cowboys, das estradas de ferro cruzando os desertos, dos ataques dos índios marcam a arte, a fotografia e também a cinematografia americana.

CARVALHO, Mariza Soares de. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/primeirosescritos/files/pe02-2.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2009.

Entre os fatores que motivaram e favoreceram a Marcha para o Oeste, está

- A) a possibilidade de as famílias de colonos tornarem-se proprietárias, o que também atraiu imigrantes europeus.
- B) o desejo de fugir da região litorânea afundada em guerras com tribos indígenas fixadas ali, desde o período da colonização.
- C) a beleza das paisagens dos EUA, o que atraiu muitos pintores e fotógrafos para aquela região.
- D) o avanço da indústria cinematográfica, que encontrou no oeste o lugar perfeito para a realização de seus filmes.
- E) a existência de terras férteis que incentivaram a ida para o oeste, de agricultores que buscavam ampliar suas plantações de algodão.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

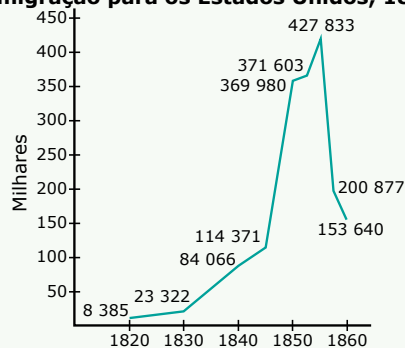


- 01.** (PUC Minas) A catástrofe ocorrida em Nova Orleans, em 2005, chamou atenção do mundo para as diferenças existentes entre o sul e o norte dos Estados Unidos, que se tornaram evidentes desde a Guerra de Secessão (1861-65). É correto afirmar que essa guerra resultou
- A) na integração dos ex-escravos como cidadãos estadunidenses sem direito à participação na vida social e política do país.
- B) no deslocamento em massa dos brancos sulistas, que passaram a se integrar ao processo de desenvolvimento industrial do norte.
- C) na ruína dos latifundiários que, após a reforma agrária, tiveram as suas grandes propriedades divididas e distribuídas aos negros.
- D) na aprovação de leis que consolidaram a segregação racial nos estados sulistas para impedir a concessão de direitos aos negros.

02. (PUC Rio) Observe os gráficos a seguir sobre o movimento migratório para os Estados Unidos entre as décadas de 1820 e 1860.

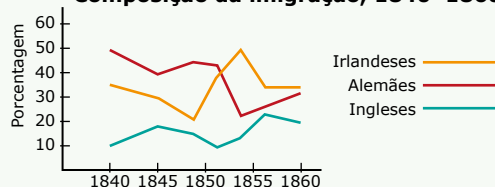


Emigração para os Estados Unidos, 1820-1880



SECRETARIA DO CENSO AMERICANO. *Historical Statistics of the United States, Colonial Times to 1970*. Edição do Bicentenário, Washington, D.C., 1975.

Composição da imigração, 1840-1860



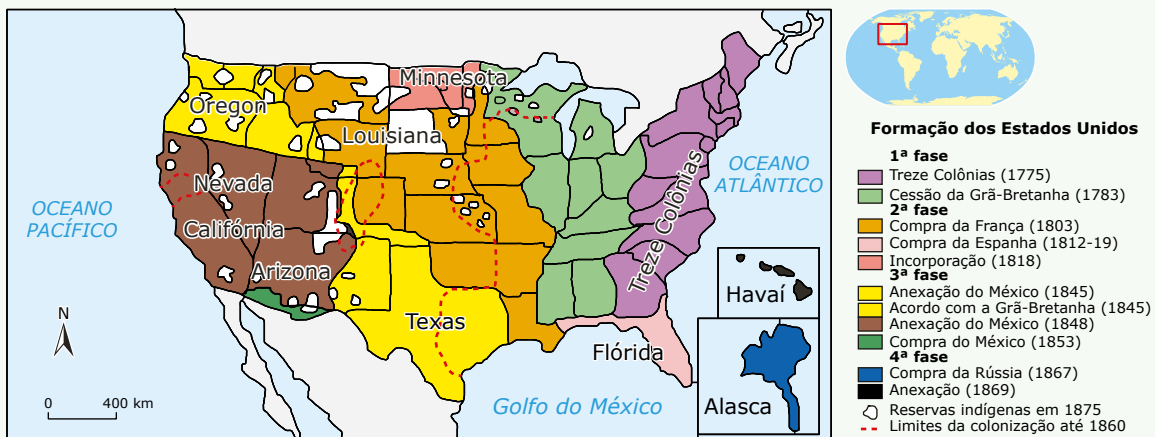
SECRETARIA DO CENSO AMERICANO. *Statistical Abstract the United States, 1982-1983*, 13. ed. Washington, D.C., 1982.

É correto afirmar que

- A) durante as décadas de 1840 e 1850, o fluxo de imigrantes cresceu substancialmente, sendo a maior parte deles originária da Inglaterra e Alemanha.
- B) após a guerra contra o México (1846-1848), houve decréscimo da imigração, em função da limitação do acesso aos novos territórios anexados.
- C) o surto de industrialização, ocorrido nas décadas de 1840 e 1850, aumentou a oferta de empregos na indústria, atraindo uma multidão de emigrantes europeus.
- D) os atrativos oferecidos aos imigrantes ingleses entre as décadas de 1840-1860 justificam a sua maior porcentagem na composição da imigração.
- E) as décadas de menor entrada de imigrantes nos Estados Unidos correspondem ao período de apogeu da expansão para o Oeste.

03. (UFSM-RS) Observe o mapa:

Expansão territorial norte-americana (século XIX)



ALVES, Alexandre.; OLIVEIRA, Leticia Fagundes. *Conexões com a História*. São Paulo: Moderna, 2010. v. 2. p. 95 (Adaptação).

Essa rápida expansão territorial dos Estados Unidos da América no século XIX, mostrada no mapa, foi impulsionada por uma ideologia propagadora da crença de que os norte-americanos eram um povo eleito pela vontade divina para conquistar o Novo Mundo e expandir os seus domínios sobre territórios e populações que estivessem no seu caminho da "marcha para o oeste". Trata-se

- A) do Fardo do Homem Branco.
- B) da Declaração de Independência.
- C) do Corolário Rooseveltiano.
- D) da Doutrina Monroe.
- E) do Destino Manifesto.

04. (CEFET-MG) Os Estados Unidos iniciaram o século XX com uma produção industrial crescente. O país transformava-se na maior potência mundial, ultrapassando os países europeus, até mesmo a Inglaterra, em desenvolvimento econômico e em produtividade. A prosperidade tornou-se mais atrativa à emigração, impulsionando o crescimento demográfico do país. Contudo a produção industrial era cada vez mais controlada por grandes monopólios.

No contexto descrito, os Estados Unidos criaram

- A) projetos políticos, visando ao controle sobre os países vizinhos.
- B) normas sociais, assegurando o convívio pacífico entre os povos.
- C) planos humanitários, objetivando à diminuição da miséria mundial.
- D) doutrinas raciais, defendendo a igualdade biológica entre os seres humanos.

05.
0SHF



(Mackenzie-SP) Se a América Latina não foi esartejada como a África, deveu-se ao fato – é preciso reconhecê-lo – de ter tido, sem que houvesse solicitado, um “tutor”. Um tutor ousado, porque se atreveu a dizer que a América era para os americanos, num momento em que apenas tinha a ilusão de ser uma potência. No entanto, quando esse tutor se transformou em grande potência, mudou seu discurso e gritou que era dono.

BRUIT, Héctor Hernan. *O Imperialismo*. São Paulo: Atual, 1994. p. 49.

A partir da análise do texto, é correto afirmar que

- A) a América Latina, desde a primeira metade do século XIX, é um instrumento do imperialismo estadunidense, que, historicamente, impôs, àqueles países, políticas como a Doutrina Monroe e a Política do Big Stick.
- B) as divisões sofridas pela África, decorrentes do imperialismo do século XIX, não puderam acontecer no continente americano em virtude da imposição ao respeito, feita na Conferência de Berlim, entre EUA e potências europeias, da autodeterminação da América Latina.
- C) o século XIX viu nascer a pretensa hegemonia estadunidense sobre os países latino-americanos, envolvendo disputas – desde aquela época – entre capitalistas e socialistas, ambientados na Guerra Fria.
- D) os americanos, há dois séculos, convivem com a supremacia estadunidense sobre os diversos países do continente, resultando em políticas impositivas como a da “Boa Vizinhança” e a Aliança para o Progresso.
- E) a América sempre foi protegida, resultando na criação de diversos acordos econômicos e na aliança de todo o continente em torno deles, apesar do domínio que os Estados Unidos exercem sobre o restante do mundo.

06. (UFJF-MG-2017) A Guerra de Secessão nos EUA terminou com a vitória dos estados do Norte, em 1865. Observe a imagem a seguir e acompanhe a proposta de tradução de seus principais dizeres. Ela foi publicada no *Harper Magazine* de Nova York, em 1874.



Tradução proposta dos principais dizeres da imagem:

The union as it was – A união como ela era

This is a white man's government – Esse é o governo de homens brancos

Worse than slavery – Pior que a escravidão

School – Escola

House – Moradia

A partir dessa imagem e de seus conhecimentos, faça o que se pede.

- A) Identifique a principal contestação realizada por organizações como a Ku Klux Klan nesse contexto histórico.
- B) Analise um impacto das atitudes que este tipo de organização causou na sociedade estadunidense nas décadas finais do século XIX.

07. (PUC Rio) Leia o trecho a seguir:

Com a república independente, os congressistas dos estados escravistas dos EUA e os representantes dos estados onde a escravidão não mais existia fizeram, enquanto foi possível, acordos políticos para manter a convivência pacífica e os laços comerciais entre o norte e o sul. O chamado Compromisso do Missouri (1820) e a Resolução de 1848 serviram para regular a expansão aos novos territórios do oeste até o início da década de 1850, quando a crise se tornou iminente, e a secessão e a guerra, uma possibilidade real.

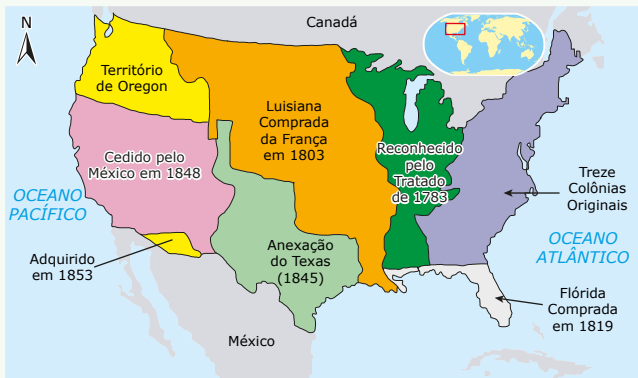
No terceiro ano de Guerra Civil, em 1863, Lincoln emitiu uma “Proclamação de Emancipação”, libertando os escravos apenas nos territórios e estados ainda revoltosos, criando, assim, mais dificuldades na *front* inimigo. Mas, foi só com o fim do conflito, em 1865, que o Congresso aprovou a 13ª Emenda da Constituição, e acabou com a escravidão no país como um todo.

Agora, responda ao que é solicitado.

- A) Explique 2 (dois) motivos para o desgaste mais acelerado das relações norte-sul ao longo da década de 1850 que levaria à secessão;
- B) Cite 2 (dois) desdobramentos que se seguiram ao fim da escravidão relacionados aos direitos do negro naquele país.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem)



ALBUQUERQUE, M. M.; REIS, A. C. F.; CARVALHO, C. D. *Atlas histórico escolar*. Rio de Janeiro: Fename, 1977 (Adaptação).

Nos Estados Unidos, durante o século XIX, tal como representada no mapa, a relação entre território e nação foi reconfigurada por uma política que

- A) transferiu as populações indígenas para territórios de fronteira anexados, protegendo a cultura protestante dos migrantes fundadores da nação norte-americana.
- B) respondeu às ameaças europeias pelo fim da escravidão, integrando a população de escravos ao projeto de expansão por meio da doação de terras.
- C) assinou acordos com países latino-americanos, ajudando na reestruturação da economia desses países após suas independências.
- D) projetou o avanço de populações excedentes para além da faixa atlântica, reformulando fronteiras para o estabelecimento de um país continental.
- E) instalou manufaturas nas áreas compradas e anexadas, visando utilizar a mão de obra barata das populações em trânsito.

02. Tanto nos Estados Unidos como no Brasil, a política rural estava ligada a uma certa concepção de trabalho. Mas, enquanto a lei brasileira de 1850 dificultava a obtenção de terra pelo trabalhador livre, o *Homestead Act* de 1862, nos EUA, doava terra a todos os que desejassem nela se instalar.

COSTA, Emília Viotti. *Da Monarquia à República: Momentos decisivos*. São Paulo: UNESP, 1999. [Fragmento]

As políticas rurais do Brasil e dos EUA no século XIX, a partir da Lei de Terras e do *Homestead Act*, são muito distintas, pois

- A) o *Homestead Act* refletiu o desejo dos EUA em atrair imigrantes que contribuíssem para o desenvolvimento do país, enquanto a Lei de Terras do Brasil mostrou o projeto do governo monárquico para conter a imigração europeia para o país.
- B) o *Homestead Act*, nos EUA, favoreceu a formação de minifúndios e o trabalho livre, o que pode ser contraposto à experiência brasileira, na qual a Lei de Terras consolidou a concentração fundiária e o predomínio da agricultura de exportação.

- C) a política rural dos EUA, evidenciada pelo *Homestead Act*, privilegiou a economia voltada para exportação, diferentemente do Brasil, que, durante o II Reinado, vivenciou a expansão da agricultura familiar.
- D) o *Homestead Act* não tem relação com o crescimento industrial estadunidense no final do século XIX. Já a Lei de Terras brasileira influenciou negativamente a formação de um sólido mercado interno em nosso país.
- E) os objetivos do governo estadunidense com o *Homestead Act* foram atingidos mediante a distribuição agrária e a ocupação do oeste do país, ao passo que, no Brasil, a legislação foi tratada com indiferença pela sociedade.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. B
- 03. A
- 04. A
- 05. A

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. C
- 03. E
- 04. A
- 05. A
- 06.
- A) Essas organizações que seguiam a KKK recusavam-se a compartilhar os direitos constitucionais com negros.
- B) Houve o incentivo de violência e segregação em relação à população negra, com anuência dos estados, sobretudo os do sul, acarretando a estruturação do racismo na sociedade, mal que perdura ainda hoje.
- 07.
- A) A questão alfandegária foi um fator que gerou desgastes entre o norte e o sul, enquanto o norte defendia o protecionismo, o sul; defendia a diminuição das barreiras alfandegárias. Outro impasse na relação das duas regiões era a questão escravista; enquanto o norte defendia a abolição e a adoção do trabalho assalariado, o sul era contrário à abolição, de modo que, ao longo da década de 1850, essas questões tornaram-se ainda mais latentes.
- B) O fim da escravidão não significou igualdade civil entre negros e brancos nos Estados Unidos. Em alguns estados existiam leis discriminatórias que proibiam o casamento entre negros e brancos, e grupos de extrema direita que defendiam o extermínio da população negra. A Klu Klux Klan foi um desses grupos e defendia a supremacia branca.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. B

Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %